

Entrevista CESAR MARCELO BAQUERO JACOME

O tecido social brasileiro está fragmentado

O professor Cesar Marcelo Baquero Jacome é coordenador do Núcleo de Pesquisa sobre América Latina e editor executivo da Revista Debates. Já lecionou na Florida State University e na Universidade Central del Ecuador e, atualmente é professor associado da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Tem larga experiência na área de Ciências Sociais, com ênfase em Ciência Política, atuando principalmente nos seguintes temas: democracia, capital social, cultura política, participação política e partidos políticos na América Latina

João de Barro – Como podemos definir o capital social do ponto de vista econômico e político?

Marcelo Baquero – É importante fazer uma retrospectiva para tentar avaliar a importância do conceito capital social no mundo contemporâneo, a partir, basicamente, daquilo que se denomina crise da democracia representativa. Uma crise que se materializou pela incapacidade das entidades mediadoras da sociedade civil em levar a cabo sua função. No momento em que os partidos políticos não são vistos como entidades confiáveis para a maior parte da população, em todos os países, independentemente de desenvolvimento econômico ou político, torna-se fundamental encontrar mecanismos alternativos que possam de alguma forma sanar esse vazio de intermediação política, sem que isso signifique a substituição dos partidos como entidades mediadoras. Nesse contexto

de crise política é que surge o conceito de capital social. Basicamente, este termo se refere à capacidade de criação de redes entre cidadãos à margem de instituições formais, no sentido de resolver o dilema da ação coletiva, que se caracteriza por um alto índice de desconfiança, inclusive entre as pessoas.

JB – Mas qual o foco de atuação do capital social?

Baquero – O capital social surge como um elo que visa integrar as pessoas para resolver problemas de caráter comunitário, local, com base na confiança recíproca. Isso não significa necessariamente a ausência de conflito. Muito pelo contrário, a tese do capital social reconhece que as relações sociais são conflitivas, porém visam, a partir da persuasão, criar um senso de comunidade, de tal maneira que as pessoas deixem de lado posições antagônicas e trabalhem em prol do bem comum.

JB – Mas esse senso comunitário surge a partir de uma identidade de grupo?

Baquero – Sim, sem dúvida. Por outro lado, também existe o capital social nas organizações formais, porém aí trata-se do conceito econômico, utilizado largamente pelo Banco Mundial, de onde foi extraída a concepção política, que é a que tratamos aqui. Na verdade, em ambos os casos, o capital social é aquele em que não existem perdedores, todos ganham.

JB – Como convivem as organizações formais e informais na democracia brasileira?

Baquero – O grande problema é que as organizações formais, os partidos, não reconhecem a eficácia e a legitimidade dessas organizações informais, a despeito de que essas organizações gerenciam recursos muitas vezes superiores aos seus. De fato, essas redes não substituem os partidos, mas existe um temor, principalmente da classe política dos países em desenvolvimento, de que de alguma forma essas organizações adquiram demasiada autonomia.

“O grande problema no Brasil é que (...) não existe uma infraestrutura que dê respaldo às leis construídas (...)”

JB – Em quais países existe maior equilíbrio entre instituições formais e informais?

Baquero – Principalmente em países desenvolvidos da Europa Ocidental, em países como Inglaterra e França. Na América do Norte, o Canadá, e, em menor escala, os EUA. Nesses lugares existe maior capacidade de fiscalização por parte da sociedade civil e do próprio estado. O grande problema no Brasil, é que, embora tenhamos um sistema jurídico bastante avançado, não existe uma infraestrutura que dê respaldo às leis construídas pelas instituições formais. Assim, as pessoas descredita na Justiça, nas instituições e nos gestores públicos. Isso acentua e aprofunda ainda mais a crise política, tornando absolutamente necessário criar formas alternativas de ação política. Para que o capital social funcione em países como o Brasil, é necessário que haja uma convergência de interesses e consenso de que é necessário que o estado, o mercado e a comunidade trabalhem de forma integrada.

JB – Como o senhor definiria o atual estágio de desenvolvimento do capital

social brasileiro?

Baquero – Eu diria que o Brasil é um dos principais países onde se tem criado organizações informais: ONGs, novos movimentos sociais, associações de bairro, de classe, de proteção ao consumidor, etc. Porém, só houve avanço do ponto de vista quantitativo, porque existem deficiências muito sérias no que diz respeito à capacidade dessas instituições de agirem de maneira autônoma. Em outras palavras, essas organizações têm sucumbido à perspectiva de capital social institucional, pois acabam se tornando um fim em si mesmas e não um meio para se alcançar uma identidade coletiva. Isso se dá porque começam a trabalhar como organizações de caráter permanente, de forma burocrática, passando a depender de recursos externos, terminando por não alcançar os objetivos originais para os quais foram criadas.

JB – Mas não há exemplos positivos?

Baquero – Há muitos exemplos positivos, como de escolas de samba Rio e ONGs que trabalham com capital social informal e que recebem apoio de instituições internacionais e conseguem atuar na comunidade em projetos de inclusão no mercado de trabalho de pessoas mais pobres. Mas essas iniciativas ainda atuam em uma escala diminuta. Para que o capital social funcione, também não adianta apenas que as pessoas confiem umas nas outras se não existem recursos e apoio do estado para, por exemplo, construir uma lixeira comunitária ou asfaltar um trecho de estrada ou rua. É necessário, para que esse conceito funcione, que além da relação horizontal entre as pessoas da comunidade, exista uma comunicação eficiente e uma colaboração vertical entre estado, sociedade e mercado.

JB – Em uma analogia, seria a sociedade brasileira composta de vários retalhos de pano já cordados necessitando de uma costura?

Baquero – Eu diria que infelizmente esse tecido social, ao invés de estar em processo de confecção, pelo contrário, se encontra em estado de fragmentação. Vivemos em uma sociedade em que a sociedade desconfia não só das instituições, mas também é alto o índice de desconfiança entre os indivíduos. As pesquisas mostram isso. É sem dúvida uma espécie de neurose social. ■



Foto: Luciano Lobelcho/D3 Comunicação